

O cotidiano do trabalho e a profissionalização do docente

Maísa Gonçalves da Silva¹
Norival Carvalho Cunha²
Vinicius Carneiro Gonçalves³

Para abordarmos o assunto “cotidiano do trabalho docente e a profissionalização do educador”, consideramos pertinente antes destacar de forma rápida alguns pontos como o trabalho, o significado do trabalho docente, a compreensão da finalidade da escola, além de outros aspectos, segundo a visão de alguns autores.

Para Marx, o trabalho impõe-se ao homem como simples meio de existência. Para esse autor o homem trabalha para sociedade através das relações sociais, inclusive na realização de suas atividades de trabalho, além de considerar que o mesmo aprende dentro do contexto empregatício.

Consideramos que o significado do trabalho docente não está dissociado aos aspectos sócio-cultural do significado do seu trabalho.

No caso dos professores, o significado de seu trabalho é formado pela finalidade da ação de ensinar, isto é, pelo seu objetivo e pelo conteúdo concreto efetivado através das operações realizadas conscientemente pelo professor, considerando as condições reais e objetivas na condução do processo de apropriação do conhecimento pelo aluno (BASSO, 1998, p. 5).

Ressaltamos que a compreensão do cotidiano e da finalidade escolar é de fundamental importância para entendermos o trabalho que os profissionais envolvidos nesse espaço, a escola, realizam.

Consideramos que a subjetividade é própria do trabalho docente, pois o mesmo se constitui um trabalho consciente, realizado com certa autonomia. Uma autonomia vigiada, ou seja, o professor tem liberdade de opinar e realizar ações no seu espaço de trabalho, desde que cumpra as normativas, mantenha seu planejamento adequado ao currículo proposto, por vezes passando por uma avaliação administrativa por parte da assessoria pedagógica ou da direção da escola.

Nas condições atuais de trabalho, a profissão docente não chega a uma condição fabril, em que o emprego é objetivado, por vezes até mecânico, onde a produtividade é o principal, ou o único objetivo, limitando a autonomia do trabalhador na execução de suas atividades.

¹UFU, Escola de Educação Básica da UFU, Programa de Mestrado em Educação pela Universidade de Uberaba – maisa3matgs@yahoo.com.br

²FUCAMP, Fundação Carmelitana Mário Palmerio, Programa de Mestrado em Educação pela Universidade de Uberaba – professor_norival@yahoo.com.br

³UNIUBE, Faculdade de Direito, Programa de Mestrado em Educação pela Universidade de Uberaba – vinicius.adv@uol.com.br

Como apontamos, quando se trata de trabalho docente, deparamo-nos com diversos autores que debatem sobre essa autonomia a margem ao considerarmos o planejamento e a metodologia.

Em uma sociedade capitalista, onde as relações sociais são de dominação, a alienação está presente em maior ou menor grau. Acreditamos que a ruptura entre significado e a subjetividade do docente, ou seja, o sentido, considerando as particularidades do trabalho docente, pode tornar o trabalho alienado, possibilitando, assim, a descaracterização ou o comprometimento da atividade docente.

Assim, o cotidiano do trabalho docente, considerado em sua totalidade não se expressa pela somatória de várias funções díspares, mas sim, em suas relações essenciais, considerando sua natureza, produção e desenvolvimento.

Nessa perspectiva apontamos para a necessidade de compreensão do trabalho docente subjetiva e objetivamente, considerando a formação docente, a organização da prática, o planejamento escolar, a preparação da aula, os registros administrativos, a remuneração, dentre outros aspectos.

Ressaltamos a importância de entendermos o trabalho docente considerando-o um conjunto articulado, onde a relação entre seus elementos se dá de forma refletiva e não como elementos interdependentes.

Ao escolher a profissão de professor, nós definimos um modo de vida. O termo de profissionalização indica o processo de mudança de um sujeito numa profissão, que se inicia com formação pessoal, para transformar as outras pessoas e suas vidas. Ser professor significa, antes de tudo, ser um sujeito capaz de utilizar os seus conhecimentos, suas habilidades e a suas experiências para desenvolver-se em contextos pedagógicos práticos preexistentes. Isso demonstram a visão do educador como criador e defensor de uma sociedade que revolucionará o saber de um país e de um povo.

O professor, como agente de transformação e formação das novas gerações, é essencial para o desenvolvimento da sociedade, pois a educação não é apenas a de ensinar, mas de levar seus alunos ao reinado do saber, do aprendizado contínuo.

Em busca do entendimento de alguns conceitos importantes, a partir do termo educação, reconhecemos: Em várias esferas da sociedade surge a necessidade de disseminação e internalização de saberes e modos de ação (conhecimentos, conceitos, habilidades, hábitos, procedimentos, crenças, atitudes, levando a práticas pedagógicas. Libâneo.(2002, p.27)

Uma grande tarefa como um educador não é a de somente de instruir, mas a de educar o discente como pessoa humana, como pessoa que vai vivenciar os seus sentimentos, incertezas, certezas, inquietações e as transformações do educando. O docente não pode limitar a educar pelo conhecimento destituído da compreensão do homem real, de carne e osso, de corpo e alma. Educamos pela vida como perspectiva de favorecer o ensino e a aprendizagem.

A noção de profissional flexível está centrada na redefinição dos aspectos técnicos do trabalho docente de acordo com uma estratégia de desenvolvimento de culturas de colaboração e de comunidades profissionais solidárias. Hypolito, Garcia, Vieira (2005. p.50)

Como podemos definir o ofício de um professor? Quais são os conhecimentos, os saberes-fazer, as competências, as habilidades e os valores, deste profissional precisa para mobilizar e motivar diariamente, nas salas de aulas, nas escolas e na sociedade? A primeira indagação seria como classificamos o ofício de um professor? O que é ofício?

No termo vocabulário: Ofício: qualquer atividade especializada de trabalho; profissão; emprego; meio de vida. Dentro do significado da palavra etimologicamente: Professor o que ensina; Mestre: a escola tem bons professores. Membro do ensino que organiza os trabalhos práticos e colabora nas pesquisas. Ao labore, ao trabalho em si, que objetiva a necessidade de fazer algo, dentro da necessidade humana. Alias, são considerados professores aqueles que ensinam e transmitem conhecimentos de arte, ciência, disciplinas, técnica, ginástica, natação, música, etc., independente de possuir certificado de habilitação.

No âmbito do ofício e profissão, descrevemos o valor do professor, do formador, que cria: inteligência formadora; os elementos formadores de uma palavra, pois ele pertence a um grupo social que busca constantemente a sua transformação e a formação de uma sociedade através do ensinar-aprender.

Esse contexto é compartilhado pelo grupo de agentes formadores: professores, gestores escolares, familiares e alunos. Embora a formação do docente possui uma forma comum, existem variáveis, de ciclos, níveis e graus de ensino, mesmo que trabalhem numa mesma instituição de ensino, estão sujeitos, a estrutura coletiva de seu trabalho cotidiano, a condicionamento e recursos comparáveis e compartilhados, entre os quais os programas, conteúdos a serem ensinados, regras da instituição e leis gerais, tende-se a ser diferentes dentro da sala de aula, suas práticas e experiências vividas durante sua vida de docência.

Saber conduzir alguém para a outra margem, do conhecimento, não está ao alcance de todos. No ensino, as dimensões profissionais cruzam-se sempre, inevitavelmente, com as dimensões pessoais e profissionais do professor.

Neste sentido, Tardif (2002, p.12) mostra que, do ponto de vista, as representações ou práticas de um professor específico, por mais originais que sejam, ganham sentido somente quando colocadas em destaque em relação a essa situação coletiva de trabalho.

A identidade do docente vem daquilo que ele sabe, daquilo que supõe que ele não sabia, daquilo que os outros sabem em seu lugar e que ele atribui ao seu conhecimento e toma forma para a sua contribuição no dia a dia. Isso significa que a profissão não existe conhecimento sem reconhecimento social, pois o professor trabalha com sujeitos e em função de um projeto: transformar os alunos, educá-los e instruí-los. Ensinar é agir, agir é aprender, aprender é ensinar.

Dentro da realidade social, o ensinar e o aprender materializam-se através de uma formação, de programas, de práticas coletivas, de disciplinas escolares, de uma pedagogia institucionalizada, pois o fio condutor é que o professor deve ser compreendido em íntima relação com o trabalho dele na escola e na sala de aula.

O trabalho do professor é uma via de mão dupla: ele ensina e, para isso, deve aprender constantemente. Desta forma, tem-se que o conhecimento do docente evolutivo, progressivo e necessita, por conseguinte, de uma formação contínua e aperfeiçoada.

Em relação à identidade profissional do professor, os saberes são trabalhados, laborados, incorporados no processo de educar do docente, que só tem sentido em relação às situações que são construídos, modelados e utilizados de maneira significativa pelos trabalhadores do ensino. Tardif (2000, p.12)

O trabalho não é primeiramente um objeto que se olha, mas uma atividade que se faz. Ademais, é realizando-a que os saberes são transformadores e formadores, dentro do enfoque que sua prática e seus saberes não são entidades separadas, mas coabitam na mesma esfera.

Em consonância, a análise histórica atravessa o processo de transformação, modernização e inovação do sistema educacional. O sistema educacional atua, assim, no aperfeiçoamento da ordem social vigente (sistema capitalista), articulando-se diretamente com o sistema produtivo, para tanto, emprega a ciência da mudança de comportamento, ou seja, a tecnologia comportamental. Seu interesse imediato é o de produzir indivíduos comprometidos com o resultado organizacional. Indivíduos[...] competentes para o mercado de trabalho, transmitindo, eficientemente, informações precisas, objetivas e rápidas.” LIBANEO, (1989, p.290)

Ser professor é compreender os sentidos da instituição escolar, integrar-se numa profissão, aprender com os colegas mais experientes. É na rotina diária do trabalho em que se aprende e se aperfeiçoa a profissão.

Todas as relações que envolvem o indivíduo-professor, classes-alunos, comunidade-família e a instituição são mais eficientes quando são estáveis. A harmonia é incentivada desde que a estabilidade seja estabelecida, respeitada e se mantenha nestas relações: autoridade, mobilidade e responsabilidade.

Cada ciclo da sociedade tem sua responsabilidade e autoridade dentro contexto socioeconômico. O ciclo do professor dentro na sala aula provém as suas responsabilidades na introdução do ensino e a aprendizagem, nas disciplinas curriculares, no conteúdo aplicado e no autogerenciamento das atividades pedagógicas. Já sob a direção da escola, cabe o cumprimento das regras preestabelecidas, no disciplinamento administrativo e o comprometimento dos resultados. Os pais representam a autoridade para educar, disciplinar e fomentar as iniciativas de seus filhos no âmbito escolar, pessoal e profissional, sendo o caráter da autoridade.

Manter os papéis definidos e exequíveis, dentro do contexto sócio educacional, para produzir cidadãos com os objetivos precisos de harmonia, equilíbrio emocional e de mobilidade, o educador tem obrigações para que seu papel seja entendido e respeitado por todos dentro da cadeia social. Com os objetivos gerais da educação, para a realidade social e educacional, detém-se a transformação do trabalho do docente dentro da sala de aula, pois com a migração das famílias do interior para as grandes cidades, tais mudanças ocorreram para a transformação do ensino *versus* aprendizagem e seus conteúdos, preparando o discente para o mercado de trabalho. Neste contexto, a [...] sociologia da educação que o objetivo

básico e prioritário da socialização dos alunos na escola é prepará-los para sua incorporação no mundo do trabalho. SACRISTÁN (1998, p.14)

Neste sentido, o professor transforma-se numa ilha de conhecimento direcionado, a fazer a transformação do aluno em um empregado para o mercado produtor. Desta forma, a profissão da docência foi pregarizada de suas funções acadêmicas, para funções administrativas e de gestão, gerando a responsabilidade da formação do discente, dentro das disciplinas.

Não se trata de adaptar a formação do aluno e do professor as práticas mercantilistas, trata-se sim, de abandonar a ideia de que a profissão do docente se defina, primordialmente, pela capacidade de transmitir um determinado saber. Neste sentido, não é fácil definir o que significa preparar o aluno para sua incorporação no mundo do trabalho, especialmente em sociedades pós-industriais, nas quais emergem diferentes trabalhos e serviços; autônomos ou assalariados.

No processo de socialização na escola, tem-se a formação do cidadão para sua intervenção na vida pública. A escola deve prepará-los para que se incorporem à vida adulta e pública, de modo que se possa manter a dinâmica e o equilíbrio nas instituições, bem como as normas de convivência que compõem o tecido social da comunidade humana, como afirma Fernández (1990, p.34).

É crescente a influência das áreas de sociologia da educação e da psicologia social no terreno pedagógico, provocou a ampliação do foco do processo que ocorre na escola, como consequência das práticas sociais, das relações sociais que se estabelecem e se desenvolvem no cenário da profissionalização contemporâneo do professor.

As transformações sociais, políticas, econômicas e culturais do mundo corporativo, afetaram o sistema educacional. A educação precisa capacitar para assumir o seu devido papel neste contexto da globalização que é agente de transformação, geradora de conhecimento e formadora de sujeitos.

Oliveira (2000, p.25) vem confirmando essa tendência de que [...] a educação passa por transformações profundas nos seus objetivos, nas suas funções e na sua organização, na tentativa de adequar-se às demandas a ela apresentadas.

Pode-se e deve-se analisar a formação do professor, como a de outros profissionais, mas é preciso também propor soluções alternativas concretas. De concreto precisamos formar e preparar os docentes para uma visão mais ampla, deste novo sistema educacional.

A tarefa mais difícil para um professor hoje em dia, é tentar compreender a incompreensão de alguns de seus alunos. GUILLOT (2008, p.118), o que requer a transformação das práticas pedagógicas e sociais. É ingênuo pensar que as organizações políticas, sindicais e empresariais, estejam interessadas em fomentar práticas de conhecimento crítico e visão da construção de uma sociedade aberta e racional. Por isso, a educação deve ser o ponto de partida para a mudança.

A escola deve transformar-se numa comunidade de vida e, a educação deve ser concebida como uma contínua reconstrução da experiência. Comunidade de vida democrática e reconstrução da experiência baseada no diálogo, na comparação e no respeito real pelas diferenças individuais..." (BERNSTEIN 1987, p.47)

Dentro da mudança educacional, traz para um outro fenômeno, a crescente onda do desenvolvimento produtivo incluído os currículos e da gestão escolar, eis que o profissional da educação, tem que ampliar os horizontes para compreensão real da implementação das reformas educacionais, com visível impacto no cotidiano do trabalho dentro da sala de aula e nos processos avaliativos. Com isto, gera um aumento no tempo de trabalho, nas ampliações das tarefas dentro e fora da sala de aula com impacto nos profissionais da educação, incluindo [...] o trabalho do professor, que tem se modificado em termos do conteúdo e da autonomia profissional, em função da avaliação dos sistemas escolares e da política de responsabilização. (MAROY, 2006)

Neste novo sistema a natureza do trabalho passa a ser estreitamente controlada e os programas definidos por objetivos estratégicos das organizações no mundo capitalista. Para reforçar alguns estudos insistem sobre a necessidade de desenvolver a formação e o desenvolvimento mercadológico do profissional do ensino, dentro das diretrizes mercantilistas.

[...]os professores definem o seu ofício como uma construção individual realizada a partir de elementos esparsos: o respeito ao programa, a preocupação pelas pessoas, a busca dos desempenhos dos alunos e da justiça. (Dubet, 2002, p 16)

Ao definir o papel do professor-educador, em sua personalidade, dentro das regras burocratas que estão sendo enquadradas. O que caracteriza o docente são as práticas investidas no ponto de vista teórico e metodológico, dando origem à construção de um conhecimento extremamente complexo na busca da profissionalização do seu trabalho. Esse é um fator que incide sobre a precarização do trabalho do professor, dentro das relações entre a vida e o trabalho.

Ao abrir para todas as classes sociais o acesso escolar, dentro dos níveis curriculares, o sistema transporta a desigualdade social ao longo do processo educacional, conforme a crítica de Canário, 2005. “A democratização do acesso a percursos escolares mais longos traduziu-se não apenas na desvalorização dos diplomas, mas na translação das desigualdades para níveis superiores do sistema escolar, em especial, ensinos médio e superior”.

Hoje em dia, o professor tem que construir sua própria identidade, para legitimar o seu ensino, motivar o seu aluno, controlar a dispersão, a desistência, além de assegurar a qualidade do trabalho docente.

Com o acesso das tecnologias da comunicação, o modelo de aula tem que estar relacionado a componentes de valorização social, ético, afetivo e emocional, para que haja um certa “autoridade”.

Os padrões das novas gerações exigem do professor uma implicação pessoal e moral, para preparar a socialização do discente no âmbito social e familiar, conforme a reflexão de Dalia A. Oliveira, “insiste na ideia de que quanto mais variadas são as funções a que o professor é chamado a responder, mais cresce o sentimento de desprofissionalização de perda de identidade, na constatação de que ensinar às vezes não é o mais importante” (Oliveira, 2000, p.24).

Essas mudanças globalizadas ou mundializadas acarretam uma profunda indagação nos processos de trabalho e da gestão educacional. O mundo está em uma forte mutação. O docente tem hoje que legitimar, motivar sua própria carreira e, com isto, motivar e mobilizar o aluno ao aprendizado.

A mudança do trabalho docente provocada pelo papel crescente dos meios de comunicação de massa; as tecnologias de comunicação – Internet e Redes Sociais. Quanto mais a respeito da perda do *status* do professor, ao sentimento de desvalorização. Faz-se uma reflexão da inquietação no meio acadêmico.

Não é produtivo questionar a formação e o exercício profissional dos professores sem se interrogar o que mudou? Como os alunos constroem a sua experiência escolar? Qual a relação com o saber? Qual o sentido atribuído às vivências escolares? O que indica que estamos diante de mudanças não apenas de metodologias operacionais, mas do deslocamento do eixo do poder, do *locus* de decisão.

Ao analisar que a sala de aula tem hoje, um reflexo das mudanças atuais: a composição diferente que os TIC – Tecnologias de informação e comunicação. Com isso vemos que o processo de reestruturação produtiva ainda esta em curso. Hoje a educação tem o eixo da empregabilidade, e os professores têm que trabalhar os conteúdos visando o mercantilismo.

Nesta crítica funcional, caracteriza o que diz Antunes (1999), “*processo de precarização estrutural do trabalho*”. Trata-se de reconhecer a regência do procedimento fabris dentro da educação e suas disciplinas. O novo processo de trabalho deu origem à chamada “desespecialização multifuncional”, ao “trabalho multifuncional”, que, de fato expressa a enorme intensificação dos ritmos, tempos, movimentos e processos laborais.

Deve-se ressaltar a perda da relevância dos conteúdos no desempenho de sua atividade educacional. Buscar a atualização, o estudo no campo específico de sua formação ou no que refere a aspectos pedagógicos, é pouco importante, pois os dados da investigação da UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura, indicam que:

- Entre as finalidades mais importantes da educação, 72,2% dos professores afirmaram que o mais importante é formar cidadãos conscientes, assim como 60,5% indicaram que é desenvolver o espírito crítico, contra 8,9% que apontaram ser o de proporcionar conhecimentos básicos!
- 21,4% afirmaram que transmitir conhecimentos básicos é um dos objetivos menos importantes!

A complexidade do trabalho escolar reclama um aprofundamento da mundialização do trabalho, no contexto do novo padrão de acumulação de capital, compreendendo as razões históricas sobre a precarização do trabalho e suas repercussões no fazer docente.

Os autores que especializaram o termo precarização do trabalho fazem um tratamento em relação com a transformação do ensino com as mudanças econômicas e sociais globalizado, entre elas, cita-se Antunes (1999), Alves (2000), Antunes e Alves (2004), Tumolo (2001), Vasapollo (2005), que indicam que o “trabalho precarizado” teve seu início associado a mudanças percebidas no mundo do trabalho ocorridas por volta da década de 1970.

As razões para as mudanças têm sido atribuídas a uma tentativa do capital de reduzir o custo com o trabalho como resposta preferencial para determinada crise na acumulação capitalista. HIRATA, 1993)

Assim, ocorre que a dinâmica da precarização, passa pela intensificação do ritmo do trabalho em paralelo ao achatamento e perdas salariais, de captura da subjetividade do trabalhador, ampla flexibilidade do tempo do contrato, a jornada de trabalho – por tarefa, na remuneração – como salário por produtividade. Na atualidade as determinações objetivas e subjetivas do processo de trabalho capitalista, essa abordagem faz sentido a não verificação devidamente das práticas trabalhistas dentro da área escolar. Porém, a precarização do trabalho docente não reside apenas nos novos trabalhos e nas novas formas de contratação criadas pelo sistema globalizado, mas também, no contrato de trabalho: estáveis e temporários. A estagnação dos salários, flexibilização, intensificação do trabalho, aumento da produtividade e dos níveis de exigências institucionais, a retirada dos direitos sociais.

Na categoria do trabalho, nos remete a uma questão central: o que se entende por trabalho e qual o conceito de trabalho? O processo de trabalho é uma condição própria do ser humano para, ao se relacionar com a natureza, produzir sua existência, independentemente de qualquer forma social determinada (MARX, 2001).

O ser humano utiliza-se do domínio de seu raciocínio para apropriar-se, e, assim, relacionar-se com a natureza criando condições para o seu desenvolvimento.

A profissão docência com relação às condições de trabalho precisam ser analisadas dentro de certos contextos: carga horária de trabalho/de ensino, tamanho das turmas e currículo.

- **Carga horária de trabalho/de ensino:** Diversas instituições públicas e privadas implantaram este tipo de horário – horas para o desenvolvimento das atividades de preparo das aulas, correção de trabalho dos alunos, apoio e orientações de atividades extracurriculares e de formação e informação dos próprios professores. Modulo extraclasse.
- **Tamanho das turmas:** Relaciona diretamente com a questão envolvendo o desenvolvimento entre professor e o aluno – segundo Siniscalco (2003), são mais facilmente obtidas, mas acabam mostrando que o resultado é pior que o do tamanho das turmas, por razões decorrentes da estruturação das redes escolares. No Brasil em média por turma é:

| | | | | |
|-----------------------|---------------------------|--|--|-----------------------------|
| Creche 15,5 | Pré-Escola 19,1 | Ensino Fundamental (Anos Iniciais) 24,6 | Ensino Fundamental (Anos Finais) 29,0 | Ensino Médio 32,4 |
|-----------------------|---------------------------|--|--|-----------------------------|

Fonte: MEC/INEP – 2010 (adaptado)

Estes números estão muito acima, por exemplo, da média obtida pelos países da OCDE – Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico, em que a razão é de 17 para a educação primária, 15 para as séries iniciais e 14 para as séries finais. Estes índices são relacionados ao fenômeno da evasão escolar e índices de matrícula por aluno.

Quando analisarmos estes dados ainda mais relevantes é comum nas instituições de ensino particulares e públicas, os professores assumirem mais de uma turma dentro do período do funcionamento da escola: manhã/tarde, tarde/noite, manhã/noite. Portanto, são computados mais alunos para um mesmo professor, que atua em maior número de turmas.

- **Currículo:** Diz respeito não só aos conteúdos básicos da escolarização, mas nas expressões extracurriculares, como estágios, visitas técnicas, simpósios e congressos. Disciplina e controle assumem uma outra conformação, expondo certas inflexões no currículo, num sentido claro de redução e aligeiramento. Para algumas tentativas de organizar o currículo com base em projetos sua aceitação bem como seus efeitos no direcionamento do trabalho com os alunos, exemplificando, em escolas que vivem condições adversas, o empobrecimento do processo pedagógico. Na visão pedagógica centrada na transmissão cultural, a função disciplinadora e de controle está presente como parte do processo de ensino e aprendizagem.

Nas condições do trabalho escolar, os projetos ganham conotações diversas em tais arranjos convivem, certamente, preocupações como a melhoria da qualidade de ensino e com a superação, do caráter fragmentado do currículo, buscando elementos para discutir as práticas curriculares no interior da escola.

Na atual organização em ciclos, com base na aprendizagem contínua, são nítidas as dificuldades para mudar o encadeamento dos procedimentos seriados. As reações às mudanças apontam para sua falta de sintonia com a prática, causando estranhamento e rejeição dos professores. Se o foco das intervenções é a aprendizagem, procura-se evitar a fragmentação nesse processo. As consequências previsíveis sobre o ensino, ou seja, sobre a atuação e a formação do professor.

Consideração Final

Contextualizar, as condições históricas da precarização do trabalho docente carecem de problematizar e refletir a tarefa do profissional/professor, neste sistema mundializado de ensino. Acima de tudo, a escola é reconhecida como espaço insubstituível de acolhimento das novas gerações e de novas ferramentas, com possibilidades de se tornar igualitária, livre de preconceitos e permitir que todos reconheçam no sistema educacional, para promover o crescimento intelectual de um povo através da aprendizagem e valorização do docente. É inegável que a educação não pode ser analisada isoladamente, sem considerarmos a sociedade-cultural envolvida na formação e a transformação do professor, como agente de mudança de paradigma de uma sociedade.

Referências

ANTUNES, R. Adeus ao trabalho?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 3ed. São Paulo. Cortez, 1995.

_____. Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.

BASSOS, I. S. Significado e sentido do trabalho docente. Campinas: Revista Caderno CEDES, v.19, n.44, 1998.

CANARIO, Rui. Formação e desenvolvimento profissional dos professores In: Portugal 2007 – Conferencia Desenvolvimento profissional de professores para a qualidade e para a equidade da Aprendizagem ao longo da vida, Lisboa, 2007.

DUBET, F. MARTUCELLI, Danilo. À l' école. Sociologie de l' experience scolaire. Paris: Édition du Seuil, 1996.

FERNÁNDEZ ENGUITA. M. Integrar o segregar. La enseñanza secundaria em los países industrializados. Barcelona. Laia, 1986.

GARCIA, M. M. A; HYPOLITO, A. M; VIEIRA, J. S. As identidades docentes como fabricação da docência. São Paulo: Revista Educação e Pesquisa, vol. 31, n.1, p.45-56, jan./abr., 2005.

LIBÂNEO, J.Carlos. Pedagogia e Pedagogos para que? São Paulo. Editora Cortez, 2002

LIBÂNEO, J.Carlos. Democratização da Escola pública: a pedagogia critica-social dos conteúdos. São Paulo. Ed.Loyola 8ed. 1989.

OLIVEIRA, D.A. Educação básica: gestão do trabalho e da pobreza. Petrolis, RJ. Vozes, 2000.

OLIVEIRA, D.A. Gestão democrática da educação. Petrópolis, RJ. Vozes, 1997.

OLIVEIRA, D. A. A reestruturação do trabalho docente: Precarização e Flexibilidade. Campinas: *Educ. Soc.* vol.25, n.89, p.1127-1144, set./dez., 2004.- Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

SACRISTÁN, J. Gimeno. Compreender e transformar o ensino. A.I.pérez Gómez; Trad. Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre. 4ed. Arned, 1998.

TARDIF, Maurice. Saberes Docentes e Formação Profissional. Petrópolis/RJ. Vozes. 2002.

www.todospelaeducação.org.br – acesso em 29/06/2013 – 12:03

www.mec.gov.br/inep - acesso em 29/06/2013 - 12:37